

### À deriva na Indonésia

Sílvia Oliveira



Labuah, Lombok Harbor, 16 de agosto de 2010

No Cais de embarque, procurávamos o barco que nos iria transportar numa viagem de quatro dias e três noites, por ilhas de Indonésia. Um passeio que contemplava snorkeling em zonas de recife de corais – Moyo's coral; visitar uma praia de areias cor de rosa – Pink beach; ver o Salt Water Lake – Satonda Island entre outras maravilhas da natureza - cascatas, ilhas com búfalos e macacos e, aquilo que mais me tinha entusiasmado neste fabuloso pacote turístico: treeking na Rinca Island (Loh Buaya).

Ver coisas únicas em locais singulares, na minha opinião, é o fundamental e eu não queria falhar os Dragões de Komodo! E, especialmente por esse motivo, adquiri aquele pacote de viagem. Tinham-nos informado na agência que era uma viagem com tudo incluído – full board.

Após algum tempo a vaguear no cais, reparei que no mar, só se avistavam barcos que mais pareciam da época da Mesopotâmia ... ainda esperava encontrar, por ali, algum navio, um cruzeiro, algo mais atual.

Naquela zona de embarque havia de tudo um pouco, vendedores com cestas de peixe, pensos rápidos, peixe seco, lenços de papel, frutas locais e até um engraxador tradicional de sapatos!!!

Quando tudo isto parecia calmo, reparo na deslocação em massa de alguns transeuntes para o início do Cais, dirigiam-se para um senhor de meia estatura que trazia na cabeça um chapéu tipo coco, azul e todo amolgado. De repente ficou rodeado de indígenas e de jovens turistas, desaparecendo no meio da confusão.

Como diz Adorno Theodore, "O Humano Estabelece-se na Imitação". Este homem possuía as listas e o número

da embarcação de cada passageiro. E foi assim, que soube qual seria o meu destino.

Dirigi-me para o local de embarque. A entrada no barco não foi nada suave, as pessoas empurravam-se umas às outras, como se houvesse lugares de luxo a disputar ou falta deles. Afinal não havia nada para "abancar", apenas o convés do barco. Desiludida, mas decidida sentei-me no único lugar que havia – o chão.

O mar estava calmo e tudo indicaria que aquela seria uma viagem tranquila apesar do aspeto "pré-histórico" do barco...

As refeições eram servidas de uma forma muito peculiar, colocavam um alguidar com comida no centro do convés e os passageiros lançavam-se para encher os seus pratos de plástico, antes que aquela acabasse.

Quando começou a anoitecer deram-nos uns colchões, não deveriam ter mais que quatro centímetros. E foi assim, que no convés do barco onde cabiam dez dormiram trinta. Sentados ainda íamos mais ou menos. Devido à forte ondulação, passámos a noite a rebolar uns para cima dos outros. Foi uma noite verdadeiramente inesquecível. Ainda tentei ir à casa de banho, mas fiquei com a porta na mão, a dobradiça de cima estava solta. Debrucei-me no costado da embarcação para vomitar, mas percebi que corria o risco de cair no mar.

Naquela manhã quando raiou o sol, eu já não via, nem sentia nada. E, foi assim que fui evacuada, numa piroga de madeira artesanal, para uma ilha paradisíaca, mas de condições muito rudimentares - Sunbawa. Eu encontrava-me na ponta mais a oeste da ilha e o único transporte que me levaria à ilha das Flores, o meu destino, era exatamente na ponta oposta. A travessia desta ilha foi uma experiência memorável...